

O BICHINHO QUE SE CHAMAVA SEM NOME

Autores: Sandra Cunha e Crystal Campos
Ilustradores: Crystal Campos e Meneses Campos

Itapetinga – BA

Dezembro – 2010

Copyright © 2010 by Edição dos Autores

Todos os direitos desta edição são reservados aos Autores
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

304.2 Cunha, Sandra; Campos, Crystal.
C978b O bichinho que se chamava Sem Nome. / Sandra Cunha;
Crystal Campos. Ilustrações de Crystal Campos e Meneses
Campos. - Itapetinga-BA: Edição dos Autores, 2010.
22p. Ilustrado.

Normalizado e revisado por Rogério Pinto de Paula
CRB 1654-5ª Reg.

ISBN: 978-85-911800-0-4

1. Educação Ambiental - Ecologia Humana. 2. Meio
Ambiente - Preservação Ambiental. I. Campos, Crystal
(Ilustradora). II. Campos, Meneses (Ilustrador). III.
Título.

CDD (21):

Revisão e Catalogação na Fonte:

Rogério Pinto de Paula - CRB 1654-5ª Reg.

Diretor da Biblioteca Regina Célia Ferreira Silva - BIRCEFS

UESB - Campus de Itapetinga-BA

Presidente do Conselho de Bibliotecas da UESB

Índice Sistemático para desdobramentos por Assunto:

1 Educação Ambiental - Ecologia Humana

2 Meio Ambiente - Preservação Ambiental

Era uma vez um bichinho que se chamava Sem Nome.

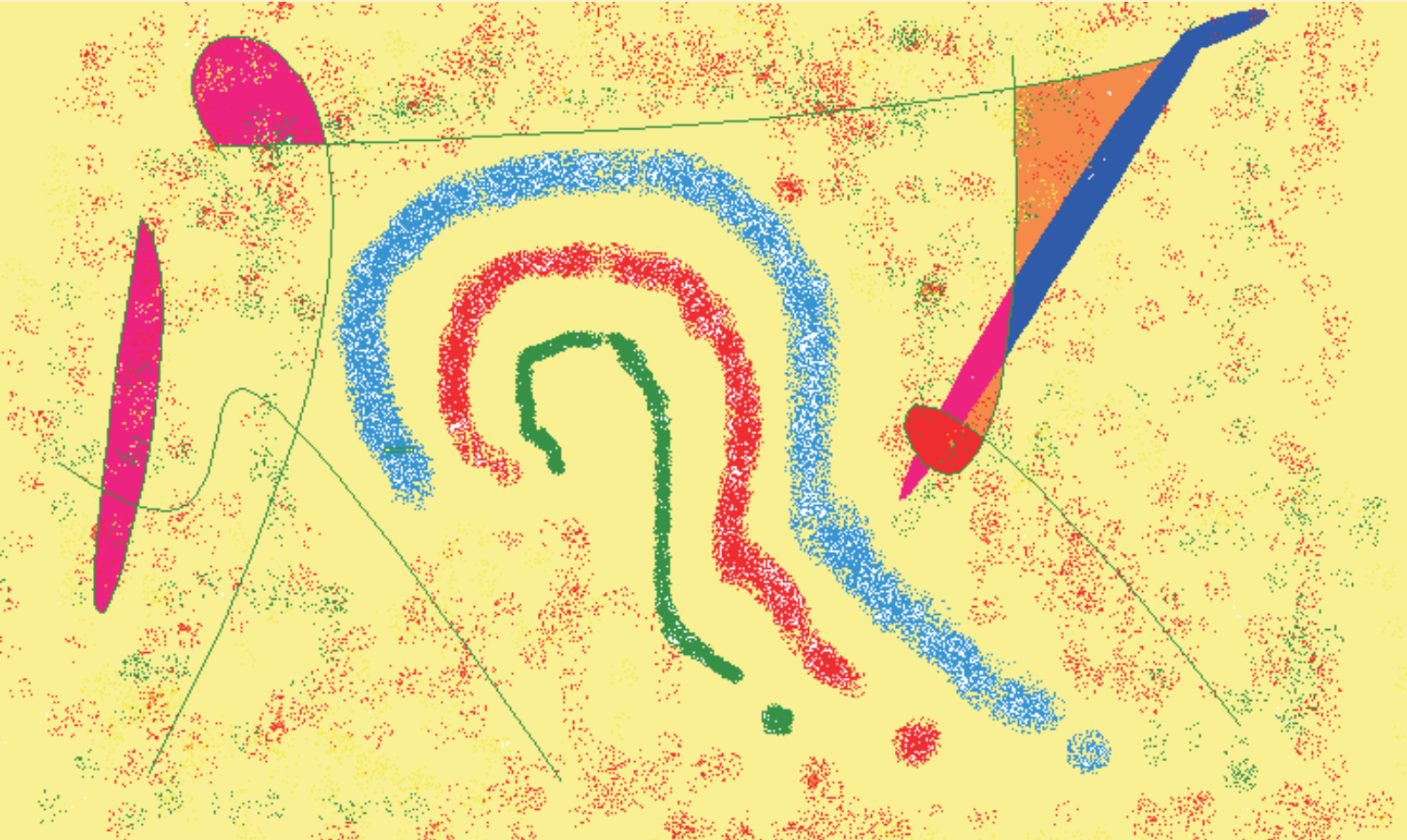
Um nome bem estranho, vocês não acham?



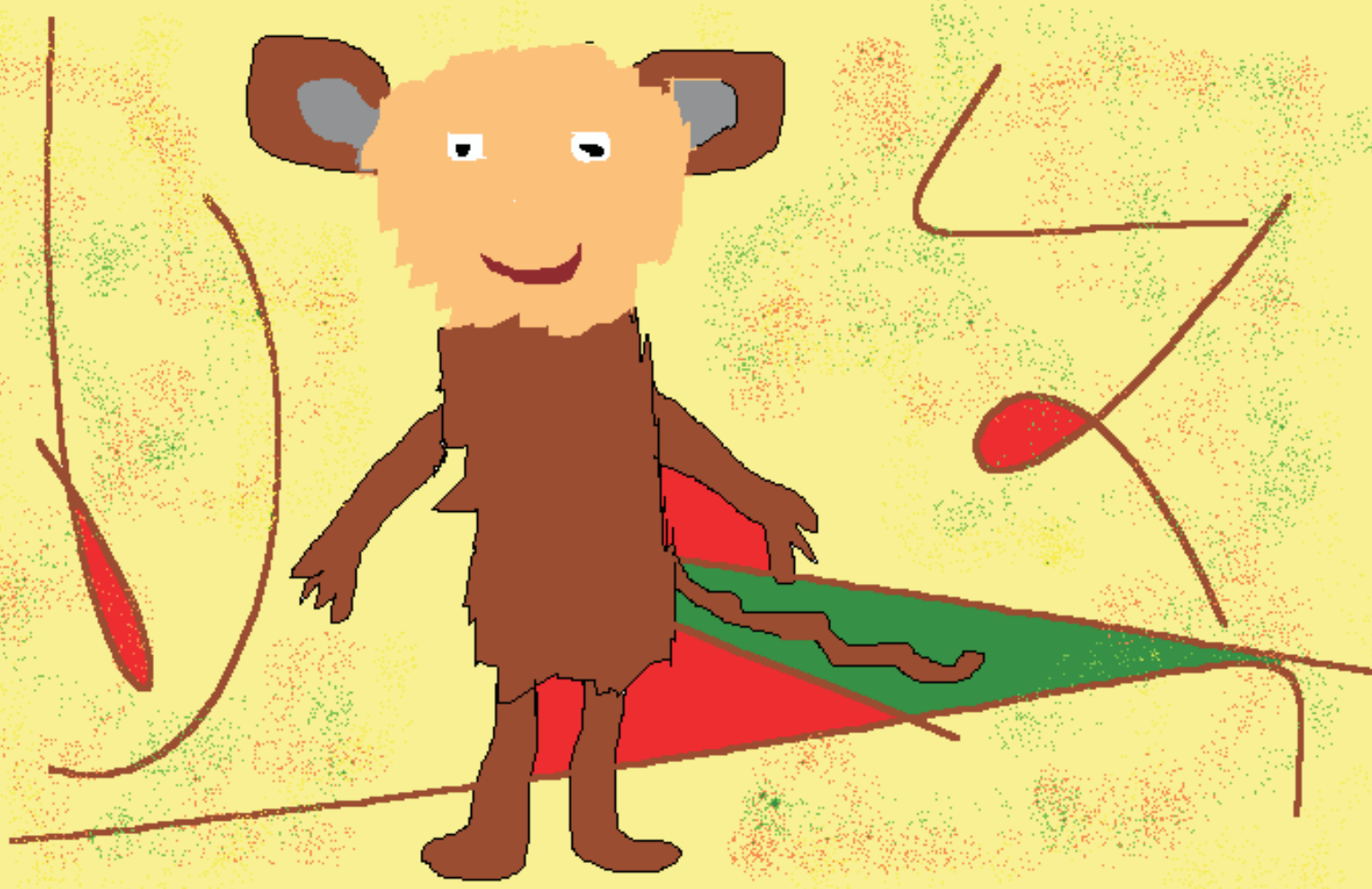


Mas Sem Nome não se importava, pois aprendeu com seus pais que cada um de nós é muito mais do que um simples nome.

Na verdade o que determina o que somos, não são as roupas que usamos, os nomes que temos ou os objetos que possuímos; mas sim, aquela estrelinha que existe dentro de nós, a essência, o que cada um realmente é.

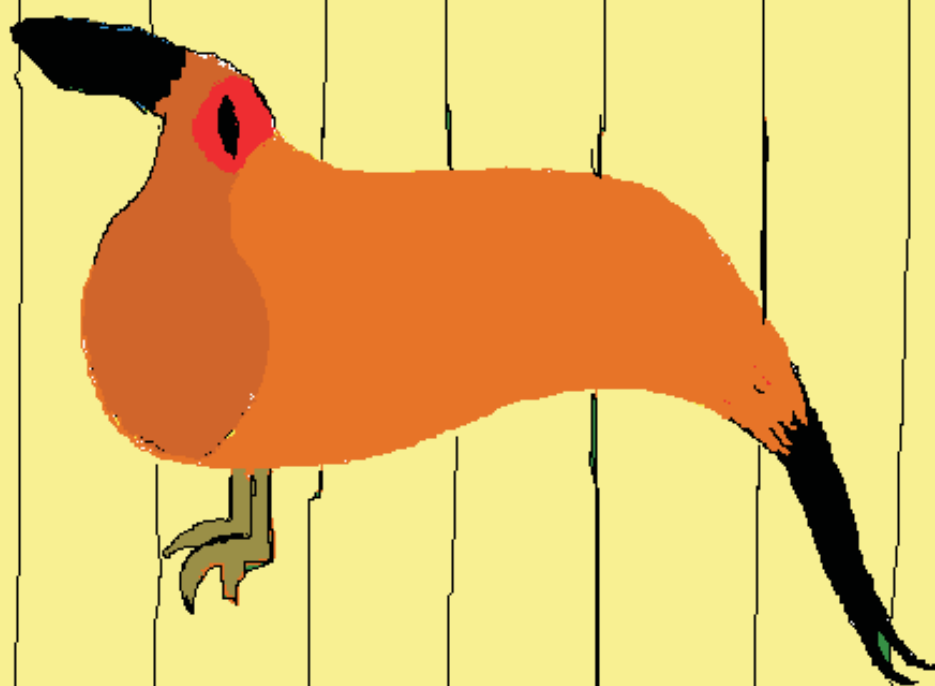


Sem Nome era um pequeno grande bichinho, pequeno porque era um filhotinho e grande porque sonhava ser grande como seus pais.



Ele vivia numa mata muito bonita. Mesmo quando era o período da seca, Sem Nome se deliciava com os aromas que dela exalava.

Tinha muitos colegas, mas gostava mesmo era de brincar com o seu amiguinho o Guigó da Caatinga, na verdade ele era seu amigão.



Certo dia, quando estavam brincando no rio, os dois encontraram um garrafão e dentro dele tinha um pedido de socorro de um Sofrê e um mapa para orientar aquele que decidisse ajudá-lo.



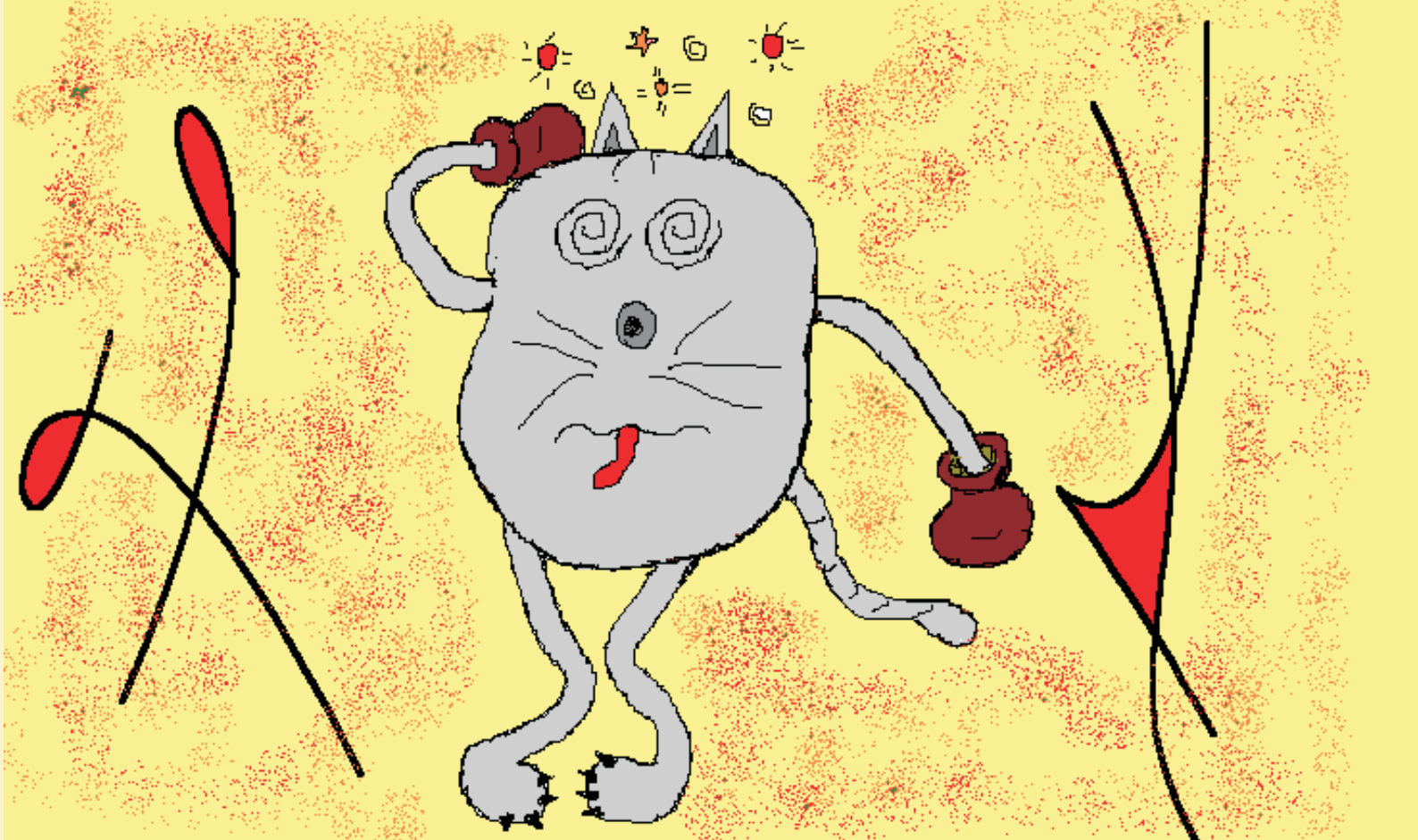
Os dois decidiram ajudar e se orientando pelo mapa chegaram numa cabana, no meio da mata. Dentro dela viram o Gatão, um velho conhecido.

Nossa! Ele vai comer o Sofrê! Disse Sem Nome.

É, realmente o Gatão estava preparando o pássaro para comer. Os temperos já estavam todos prontos.

Temos que ser rápidos! Pensou Sem Nome.

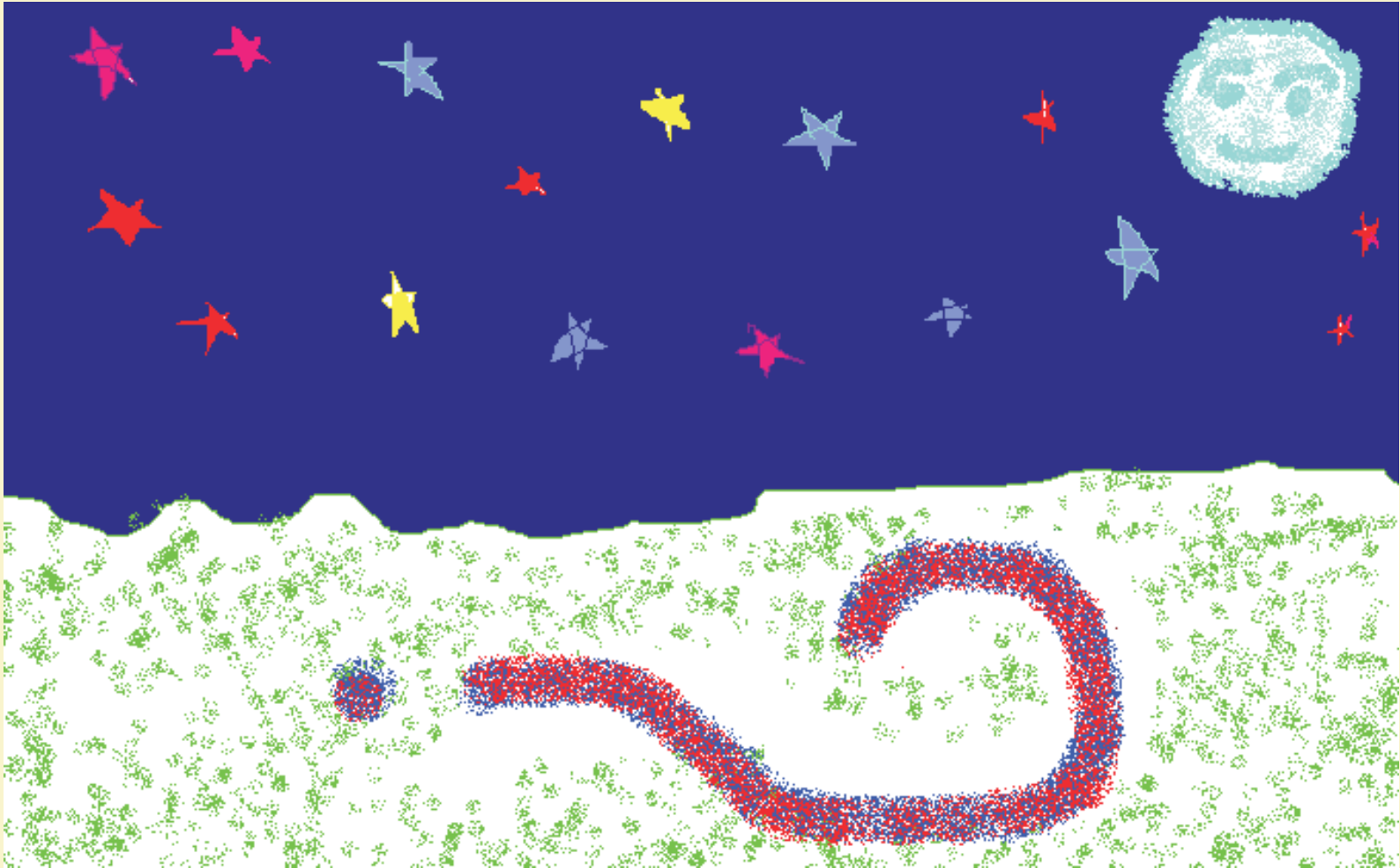
Então decidiram que enquanto o Guigó da Caatinga estivesse fazendo macaquice para distrair o Gatão, o Sem Nome entraria pela porta de trás e salvaria o Sofrê.



E assim fizeram.

Tanta macaquice fez o Guigó da Caatinga que o Gatão ficou como se estivesse hipnotizado. O Sem Nome, então, pôde soltar o Sofrê e os três correram, correram, correram até não poder mais, e quando pararam, riram, riram muito da aventura.

Que aventura! Um aventuraço!



Mas à noite, olhando para o céu estrelado, Sem Nome ficou a pensar no Gatão e a se perguntar se essa aventura não poderia ter tido um outro final.

Agora é com você!

É com você mesmo que eu estou falando, você que está lendo essa história.

Que outro final daria para ela?

Muitas cartas Sem Nome recebeu de crianças do mundo inteiro, com diferentes finais para essa aventura.

Uma delas foi de uma criança que morava próximo a uma floresta.

Ela falou que se fosse escrever o final da história salvaria o Sofrê, mas também ajudaria o Gatão mostrando a ele outros caminhos para sobreviver.

Porque ele não era mau, estava apenas tentando se alimentar.

Lendo essa carta Sem Nome ficou pensando em toda a biodiversidade que estava em extinção e naquele exército de caçadores e lenhadores que de tempos em tempos invadia a mata, alguns até moravam muito perto dele.

Na verdade, pensou Sem Nome, muitos deles estavam tentando sobreviver, como o Gatão.

Então, Sem Nome, como num passe de mágica, voltou no tempo e escreveu outro final para a história.



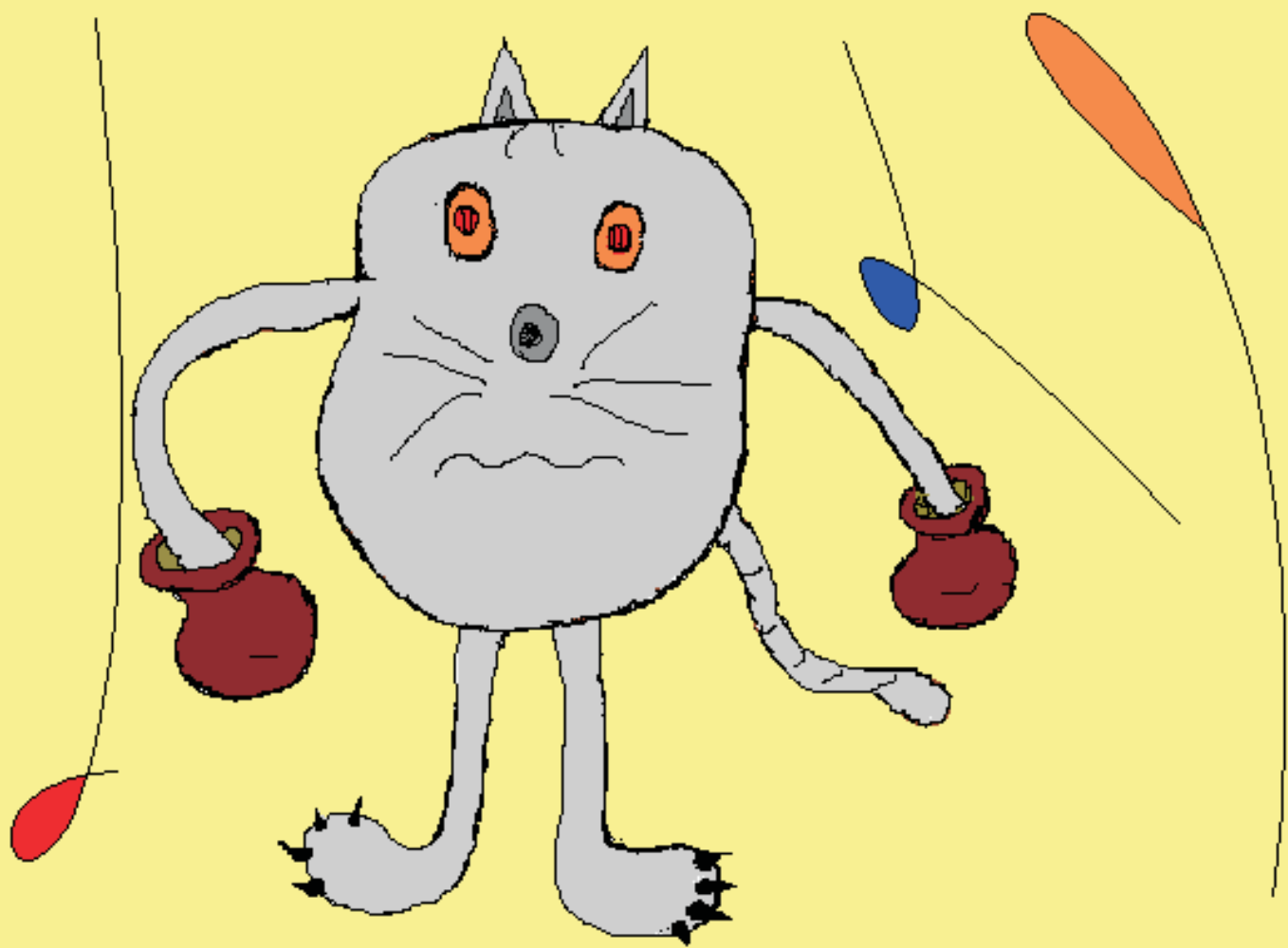
Fimal

...Sem Nome e seu amigo Guigó entraram na cabana.

O Gatão se assustou de início, mas eles já eram seus amigos de longas datas, e assim ele relaxou.

Então os dois começaram a falar com o Gatão sobre a possibilidade dele buscar outras formas para sobreviver e que no final das contas todos, inclusive ele, sairiam perdendo se continuassem utilizando de forma errada a biodiversidade.

Eles falaram, falaram, falaram tanto que o Gatão resolveu devolver o Sofrê para a mata.



O que aconteceu com o Gatão?

Ele e mais alguns amigos se organizaram e criaram uma cooperativa de ecoturismo, a CPP (Conhecer para Preservar), que tem dado muito lucro.

Em sua nova atividade, como guia de turismo ecológico, ele já não caça animais silvestres, acabou se tornando um grande defensor da biodiversidade.

Conhecer para preservar!

Esse é o lema que o Gatão carrega hoje em sua bandeira, pois acredita que quando adquirimos o conhecimento da maneira como a teia que mantém a vida se organiza, nos tornamos mais aptos e mais sensíveis a preservá-la e no final das contas todos saem ganhando.

FIM

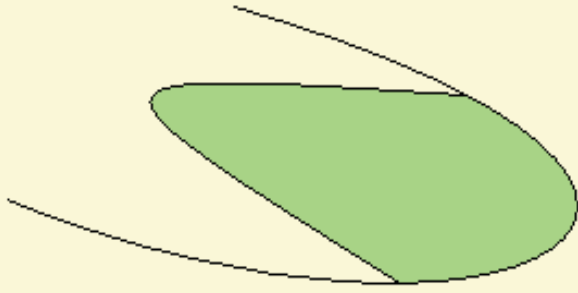
Mas não esqueça minha pequena grande criança, a qualquer hora você pode mudar o final da história, não somente dessa, mas de qualquer história.

Sabe por quê?

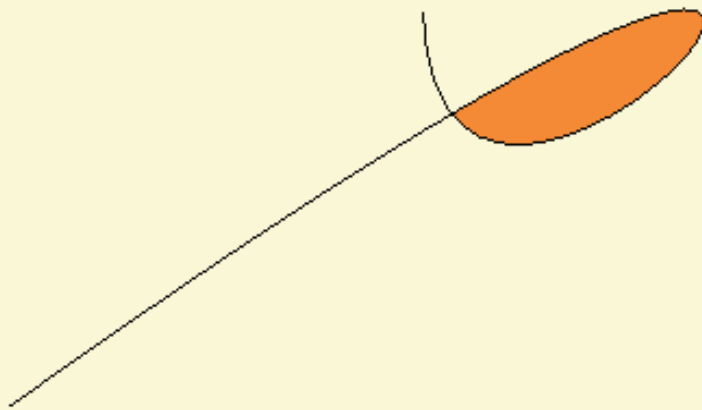
O lápis está nas suas mãos, segure-o firme e escreva a sua história, que na verdade pode nunca ter fim, já que o lápis está nas suas mãos.

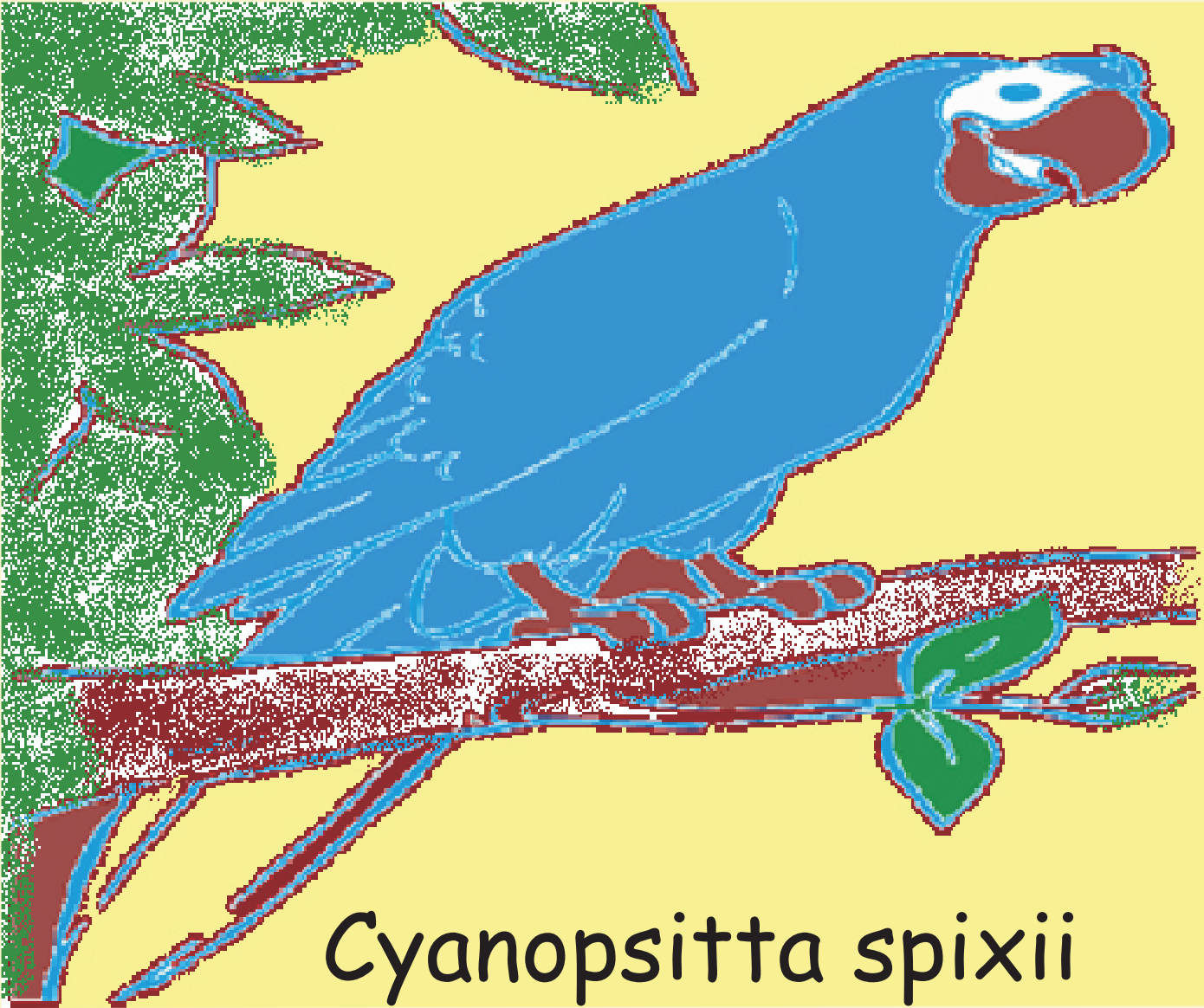
A decisão é sua e somente sua.

Aventure-se!



Curiosidades





Cyanopsitta spixii (Ararinha Azul)

Essa espécie é considerada extinta, já que o último exemplar foi visto na mata em 2000.

Atualmente existem pouco mais de 60 indivíduos criados em cativeiro, sendo que a maioria encontra-se fora do Brasil.

A ararinha azul era uma ave endêmica da caatinga, ocorrendo do extremo norte da Bahia ao sul do Rio São Francisco.

Alguma coisa está errado não é mesmo?

***ESPÉCIE ENDÊMICA:** Espécie com distribuição geográfica restrita a uma determinada área.



Callicebus barbarabrownae

Conhecido popularmente como guigó da caatinga, essa espécie está classificada na categoria “criticamente em perigo”. Sua população está estimada em 260 indivíduos, segundo dados obtidos da Biodiversitas (2006).



Icterus jamaicensis

Conhecido popularmente como corrupeirão, rouxinol ou sofrê, essa espécie habita a caatinga e zonas descampadas secas.

O Cantor da Caatinga

Contam os mais velhos que por volta de 1925, entre Bem-Ditos e Ladainhas do Sertão, destacava-se o canto do Sofrê, pássaro de grande beleza, que ganhou esse nome por causa de seu próprio canto suave e piedoso. Enquanto cantava, o “cantor” da caatinga parecia compreender o sofrimento do povo sertanejo e, ao mesmo tempo, alimentava a esperança de uma vida melhor.

Perfil Biográfico dos Autores

Sandra Cunha - Natural do Rio Grande do Norte - Natal, graduada em Biologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com doutorado em Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz em 2002. Atualmente é professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, atuando na área de sociedade, meio ambiente e desenvolvimento.

E-mail: cunhasl@hotmail.com

Crystal Campos - Natural de Itapetinga - Bahia, atualmente é aluno do ensino médio da Escola Preparatória de Cadetes do Ar. Desde a infância já se mostrava crítico e participativo em relação às questões sociais, tendo uma contribuição sobremaneira no desfecho dessa história infantil. E-mail: campos_123@hotmail.com

Meneses Campos - Natural de Coaraci - Bahia. No ano de 1983 ingressou no grupo de teatro Lua e desde então a arte é uma constante presença em sua vida.

E-mail: violettflame@hotmail.com